REGRAS E PRINCÍPIOS DE UM CÓDIGO ÉTICO INTERNACIONAL PARA PSICÓLOGOS

Prof. Dra. FRANZISKA BAUMGARTEN

A natureza incompleta do Homem, que se expressa também no mau exercício da profissão, fêz com que já no século 5 A.C. o médico grego Hipócrates formulasse certos deveres do médico em relação aos doentes. Êle jurou a si mesmo seguir estas regras que por isso são conhecidas sob o nome de "Juramento de Hipócrates" e hoje 2 500 anos depois, todo médico na Suíça faz êste juramento ao receber seu diploma.

De que trata êste juramento? De deveres de *ordem moral*. O médico deve ajudar a todo doente, também ao pobre e ao estranho (portanto ao estrangeiro), êle só deve empregar métodos de cura já aprovados e levar em conta a situação econômica do doente; êle deve guardar para si aquilo que viu e ouviu em contato com o doente. " O único objetivo do pensamento e do procedimento médico deve ser o Bem do doente".

Tôdas estas obrigações existem também para o médico de hoje. No Juramento de Hipócrates encontra-se muitas coisas válidas também para tôdas as outras profissões. O mais importante é que o profissional se ponha a serviço do Homem que é objeto de seus cuidados profissionais, portanto:

o médico a serviço do paciente;
o professor a serviço do aluno;
o advogado a serviço do cliente;
o psicólogo a serviço do próximo;
o comerciante a serviço do freguês, etc.

Isto quer dizer que o profissional não pode ser egoísta devendo, isto sim, cuidar do bem-estar de seu parceiro.

Êste é o primeiro item de um código ético de validade geral.

2) O segundo item refere-se a um problema ético que se formou na ciência resultante da metódica experimental e que tem o nome de "fazer experiências com o próximo". Trata-se de experiências que têm um objetivo terapêutico, nas quais são usadas drogas e feitas intervenções cirúrgicas e que são levadas a efeito no próximo. Elas podem porém, causar fortes dores e mesmo a morte. Tais experiências perigosas são muitas vêzes justificadas por lemas tais como "Progresso da Ciência" ou "Bem da Humanidade", porém nem sempre isto é verdadeiro. Pelo lado religioso tanto a igreja católica quanto a evangélica fazem valer que

tais intervenções diminuem a integridade da vida de cada um e que o Homem não tem a liberdade de dispor da sua vida nem da vida de outrem. Tais experiências deveriam ser vistas como formas mais fracas de assassinato. Os cientistas profanos afirmam que estas experiências até agora não trouxeram conhecimentos dignos de nota, que o emprêgo de Homens tidos como inferiores, para êste fim (os antigos romanos experimentavam o efeito dos venenos em escravos, nos tempos modernos usavam-se os criminosos ou os condenados à morte aos quais então se prometia a liberdade) já por si é contra a ética. Não se pode arriscar a vida de um para salvar a de outro. Por causa da grande quantidade de experiências dêste tipo, levadas a efeito nos campos de concentração alemães durante a 2ª guerra mundial, foram formuladas em 1953 as chamadas "10 regras de Nürenberg" para limitar a prática das mesmas. O princípio superior da ética seria então: "*A liberdade de pesquisa tem seu limite no ponto a partir do qual é propositadamente causado um sofrimento físico ou psíquico aos semelhantes*".

Esta norma ética de experiência deve ser válida não só nas ciências naturais, para o médico p.e., mas também para o psicólogo. Se nos últimos anos em uma Universidade suíça foi feita uma dissertação sôbre a agressividade das crianças, na qual o doutorando assistiu passivamente durante três meses ao espancamento diário de um menino epiléptico e fraco por seus colegas sadios e fortes, para então fazer um levantamento estatístico dos espancamentos, em vez de defender o indefeso menino dos maus tratos, então dizemos ser êste trabalho contra a ética e colocamo-lo à mesma altura dos trabalhos dos médicos nos campos de concentração.

O código da Psicologia, seguindo as regras médicas, deve condenar e proibir tais experiências. O progresso da ciência não pode ser comprado à custa de um sofrimento físico ou psíquico do indivíduo.

3) Com o desenvolvimento da ciência o cientista fica na situação de fazer uma descoberta capaz de exterminar tôda a vida sôbre a terra. Deve êle, em vista dêsse perigo, relatar ou não a descoberta?

Neste conflito encontra-se o físico atual. Se todos os Homens tivessem orientação moral não fariam mau uso de tal descoberta. Infelizmente porém, o cientista tem que contar com esta possibilidade. É ilusório guardar um segrêdo científico visto que o caminho para descobertas científicas é livre. Não resta pois, senão que as autoridades protejam tais descobertas contra abusos e que o cientista vigie tais abusos.

4) Uma quarta norma ética diz respeito à relação entre cientista e estado, tratando-se da pergunta: até que ponto deve o indivíduo, neste caso o cientista, submeter-se incondicionalmente e a qualquer tempo às autoridades?

No caso de guerra surge, sobretudo para o médico, um grave conflito: É tarefa do médico cuidar e conservar a vida de qualquer um. Na guerra porém são, conscientemente, exterminados os mais sadios e produtivos jovens. Deve o médico assistir a isto passivamente ou deve êle recusar ao Estado a sua ajuda no cuidado dos feridos como protesto

a êste assassínio em massa? Antes da primeira guerra, em alguns países civilizados, os médicos de orientação pacifista fizeram uma proclamação contra a guerra; não chegou a haver uma greve de médicos como muitos exigiam e assim, com grande pesar no coração, muitos cumpriram com seu dever profissional. Também o psicólogo se encontrou em situação parecida: deve êle servir à guerra por meio de seus métodos de seleção dos melhores pilotos, dos melhores soldados, dos melhores operários para fábricas de munição ou deve também êle deixar de fazer uso dêstes seus conhecimentos? No primeiro caso êle poderia encurtar a guerra, servindo à sua pátria. Aqui poderia ser formulada uma regra que valesse para tôdas as profissões em caso parecidos: protesta contra a guerra em tempos de paz; faze a tua obrigação profissional se ela já irrompeu. O preceito mais elevado deve ser: o sofrimento humano deve ser aliviado seja qual fôr a sua procedência e suas condições.

5) a relação entre cientista e Estado tem ainda outros aspectos. Deve o Estado possuir o poder de dar ordens ao cientista quanto às experiências que êle deve, ou não, fazer ou deve o cientista ter a liberdade de dispor sôbre o objeto de suas experiências? Na Rússia atual vemos a imposição de teorias científicas que são impingidas à pesquisa; assim por exemplo, exige-se do psicólogo que faça experiências no sentido da Reflexologia de Pawlow mesmo que para isto êle não tenha a mínima vontade; assim é com as teorias econômicas de Marx e Engels que são consideradas dogmas. A doutrina de Marx fêz com que, em 1935 na Rússia, todos os Institutos psicotécnicos fôssem fechados porque a Psicotécnica não podia entrar em acôrdo com tais ensinamentos. Também os biólogos devem render homenagem a certas teorias insuficientemente provadas e prosseguir com experiências no sentido delas. A norma ética nestes casos é: só a ciência sem preceitos preconcebidos pode progredir; por isto só se deve trabalhar em problemas que não sirvam a teorias impingidas.

6) Uma outra forma de conflito entre o cientista e o Estado é que o Estado impinge ao cientista a sua ideologia como fazia antigamente com a religião e exige do cientista que êle molde, não só suas experiências, mas também todo o seu modo de viver segundo esta ideologia. Isto aconteceu no nosso tempo sob o Fachismo e acontece agora sob o comunismo. Aqui surge um elemento especial na orientação do cientista, especialmente do psicólogo. Se bem que o cientista reconheça fàcilmente a falta de competência do Estado para imiscuir-se em seu campo de pesquisa, êle não se orienta em questões da vida social, como ficou demonstrado. Trata-se aqui de um problema puramente psicológico. O psicólogo apesar de saber por seus estudos que existe uma extensa escala abrangendo desde as pessoas hipersociais até as anti-sociais, nem sempre procura, na prática, orientar-se sôbre seus semelhantes. Em regra os psicólogos, como muitos outros cientistas, são maus conhecedores da natureza humana. Os cientistas devem saber que têm o dever ético de ampliar os seus conhecimentos teóricos no sentido dos fins práticos; os psicólogos, por exemplo, devem advertir contra pessoas que, embora

sejam dotadas pela natureza de várias capacidades, são bem inferiores pela formação de caráter. A sentença que diz ter a elite espiritual de todos os povos cultos fracassado nas horas de perigos político-sociais é em geral verdadeira; a elite é responsável pela insuficiência ética de nossos tempos sôbre a qual com razão se levantam queixas.

Daí advém a seguinte exigência ética para os cientistas:

Todo governante que decide sôbre o destino do país deve ser julgado sob o ponto de vista ético. Todos devem ser esclarecidos sôbre as suas disposições sociais sem moral e lhe opor resistência neste sentido. É preciso porém coragem civil pessoal para se opor a infrações morais das autoridades. Esta coragem porém é necessária. O progresso da sociedade depende do exemplo da elite. A regra geral seria então:

Todo aquêle que por fôrça de sua instrução ocupa um lugar "mais elevado" na sociedade humana deve tomar a si a responsabilidade de criticar os acontecimentos político-sociais e de considerar tôda ordem decretada pelas autoridades sob o ponto de vista humanitário. O pensamento pérfido e as finalidades egoístas do govêrno devem ser discutidas livremente para que se descubram seus verdadeiros conteúdos e se possa fazer oposição a êles.

7) Por último trataremos da relação dos cientistas entre si: aí existem casos difíceis de punir: assim principalmente o silêncio sôbre trabalhos de um rival, tantas vêzes praticado. Tal omissão é o mesmo que uma eliminação do rival da vida intelectual com diminuição do seu valor. Ou ainda: o rebaixamento propositado do trabalho dos outros por meio de crítica invejosa e má. Pode-se denominar a isto uma espécie de falsificação intelectual.

O cientista deve ter consciência de que êle, devido à imperfeição da natureza humana, tem sentimentos hostis para com aquêles que têm maior sucesso, porém faz parte de suas obrigações éticas vencer êstes sentimentos. O princípio é: não aumentar o próprio valor à custa do valor dos outros.

Êstes sete pontos aqui mencionados são regras gerais que deviam ter a devida importância no exercício de qualquer profissão superior. Elas formam o programa geral da exigência ética da vida profissional dos meios acadêmicos.

Além disso há ainda deveres especiais no exercício de qualquer profissão superior, sôbre os quais se deveria chegar a um acôrdo. Na Psicologia por exemplo, o emprêgo de testes e aparelhos insuficientemente experimentados, desaprovação de métodos que extorquem uma confissão do réu (lavagem do cérebro, narco-análise, detetor de mentiras, etc), e ainda o servir à indústria com propaganda mentirosa como consultor de propaganda, etc. As determinações sôbre isto podem então ser fixadas num código especial.

O principal é que se deve seguir algumas regras gerais sôbre as quais deveria ser feito um acôrdo por meio de uma discussão livre.

Nós nos satisfazemos com estas poucas situações principais de conflito nas quais se encontra o moderno cientista e praticante de profissões superiores e chegamos às seguintes conclusões gerais:

I. Na atividade profissional devemos, em primeiro lugar, colocar-nos a serviço do próximo.

II. Em experiências científicas não pode ser causado sofrimento ao próximo em nome do progresso da ciência. O bem-estar do indivíduo vale mais do que o "progresso da ciência".

III. Se o exercício da profissão leva ao conflito de ou ajudar o próximo ou opor-se às autoridades, deve-se prestar ajuda.

IV. Caso os resultados de experiências científicas ameacem o extermínio de todo o gênero humano, deveriam ser tomadas providências em campo internacional para interditar o livre emprêgo dos meios daí provenientes. Nem tôda conquista científica pode ser empregada na prática.

V. A liberdade do cientista deve estender-se ao ponto de êle recusar ordens do Estado que sejam contra a moral e que tragam sofrimento físico ou espiritual ao próximo. A resistência ética é obrigação do acadêmico. Só devem ser exterminadas a Maldade e a Estupidez humanas.

Tradução de DOROTHEA DAHLLEIM